



EDUCAÇÃO PELA ARTE DO GRAFITE EM UMA ESCOLA PÚBLICA: UMA PROPOSTA DE PARTICIPAÇÃO

EDUCATION BY GRAFFITI ART IN A PUBLIC SCHOOL: A PARTICIPATION PURPOSE

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984317812022016141>

Luciane Izabel Ferreira Henckemaier – UDESC

RESUMO

Educar pela arte é uma alternativa instigante, frente ao processo de globalização, onde as tecnologias e meios midiáticos promovem a virtuosidade de expressões, deixando, de certa forma, o trabalho artístico alienado. O fazer artístico deve ser exercitado na escola, de forma que o estudante tenha contato com a experimentação e a prática artística. A abordagem feita neste artigo tem por objetivo elencar questões pertinentes a uma educação pela humanização, em que a escola é protagonista na sua efetivação, e o professor como mediador, numa proposta sócio-histórica. A prática do grafite foi fundamental para exercício da sensibilização e criticidade, oportunizando a manifestação de ideias e mensagens pela arte do grafite, em um ponto de ônibus em frente à Escola de Educação Básica Industrial de Lages, em Lages, Santa Catarina. Este artigo é uma adaptação de um dos capítulos de uma dissertação de Mestrado em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), desenvolvida a partir dos relatos da prática de grafite em Lages.

Palavras-chave: educação, escola, prática artística, grafite.

ABSTRACT

Educating by the art is an exciting alternative against the process of globalization, where technology and media means promoting virtuousness expressions, leaving somewhat, alienated artwork. The artistic work should be trained in school, so that the student has contact with experimentation and artistic practice. The approach taken in this article is intended to list issues pertinent to education for humanization, where the school is protagonist in its execution, and the teacher as a mediator, in a socio-historical propose. The practice of graffiti was essential to exercise awareness and criticality, providing opportunities for the expression of ideas and messages through graffiti art at a bus stop in front of Escola de Educação Básica Industrial de Lages, em Lages, Santa Catarina. This article is an adaptation of one of the chapters of a Master's dissertation in Visual Arts from the Santa Catarina's State University (UDESC), developed from the practice reports of graffiti in Lages.

Keywords: education, school, artistic practice, graphite.



1 INTRODUÇÃO:

A escola se caracteriza como um ambiente onde uma série de relações se manifesta, como um reflexo da estrutura da sociedade que vem a ser questionado por práticas educativas construtivistas. No âmbito da educação em arte na contemporaneidade, é importante levar em consideração a construção do conhecimento, a partir das experiências dos estudantes.

A instituição de ensino é responsável por inserir os estudantes em novas realidades que lhes permitam compreender o mundo à sua volta.

A capacidade transformadora da arte em contato com a realidade destes sujeitos, possibilita observar práticas educativas, que utilizam o grafite como ferramenta de conhecimento e expressão. Proposições para a realidade contemporânea, denotam ter mais integração, mais participação, além da socialização dos conhecimentos – que, partindo do contexto oferecido pelas relações sociais historicamente construídas, podem promover a humanização das escolas e alimentar o engajamento em uma sociedade que cede à homogeneização (HARVEY, 1994).

Torna-se necessário estabelecer uma nova relação com os sujeitos, a partir de um projeto pedagógico com uma reflexão sistemática, que propicie aos estudantes conhecerem a si próprios e interagirem com a cidade expondo suas aspirações e histórias, o que acaba por integrar os estudantes, fazendo-os participarem do fenômeno descrito por Furtado (2012) como neotribalização.

2 CONTEXTOS E CONTESTAÇÃO: EDUCAÇÃO E GRAFITE NA PRÁTICA

O acesso aos bens artísticos e culturais da humanidade, por vezes se dará exclusivamente por meio das escolas, especialmente no âmbito das classes menos favorecidas financeiramente; portanto, a escola é esse espaço privilegiado de aquisição do conhecimento. Mas nesse cenário de novas práticas a pedagogia histórico-crítica não deseja tão somente distribuir conteúdos, mas principalmente fazê-lo em uma perspectiva reflexiva a partir da seleção de conteúdos socialmente relevantes. Barbosa (2003) aponta para o potencial desta via de conhecimento, dizendo que:

Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica,



permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2003, p.18).

Portanto, a capacidade de desenvolvimento das faculdades críticas e reflexivas pode ser uma das possibilidades da arte. Também em relação a este assunto, mas no sentido oposto, é válido notar que o senso comum dissocia o artista e a sociedade; a arte e o trabalho: isto se reflete no interior da escola no discurso que separa a arte do conhecimento, desconsiderando a dimensão do trabalho artístico. Assume, portanto, de acordo com o senso comum, apenas o caráter de uma atividade baseada no lazer, e não como algo funcional – seja para embelezar os murais da escola, ilustrar aulas das demais disciplinas, ou ainda para o descanso e a diversão dos estudantes.

Uma prática muito comum nas escolas entre as décadas de 1960 e 1970, aqui no Brasil, centrava-se nas experimentações com materiais diversos ou na aprendizagem de desenhos, cópias de modelos e realização de trabalhos manuais. Essas aulas, geralmente apresentavam um caráter prático numa tradição vinculada à destreza, com a finalidade de desenvolver no estudante habilidades manuais para a confecção de artefatos vendáveis, preparando o educando para o mercado de trabalho.

Frente à complexidade que se apresenta na educação contemporânea, se faz necessária uma *práxis* pautada em uma proposta pedagógica, que esteja diretamente articulada com a pluralidade das determinações sociais, buscando superar a fragmentação e os reducionismos presentes na educação e que seja comprometida com a socialização dos conhecimentos.

O grafite realizado na escola, analisado neste estudo, teve a premissa de permitir interlocução entre a arte e o público, provendo um entrelaçamento com a socialização de conhecimentos e da expressão que legitima o sujeito e suas vivências, materializando o sentido da educação em arte, que se revelou na pintura dos pontos de ônibus. Esses desdobramentos foram importantes para a apropriação da cultura dos sujeitos da comunidade escolar, possibilitando a fruição e assim, refletindo sobre ela, contextualizando o espaço escolar e seu entorno, na busca da arte como construção, conhecimento e reflexão.

Na medida em que se exercita a educação com o sujeito concreto, determinado historicamente pelas suas relações sociais, precisa-se entender o condicionamento e os condicionantes deste sujeito inserido na sociedade capitalista e também o papel da escola enquanto um instrumento de acesso e democratização do saber, para que este não fique restrito a poucos.



A partir do momento em que se discute a educação, reforçando a importância de trabalhar na escola conteúdos significativos de forma que se possibilite o acesso ao saber elaborado a todos os que se encontram na escola, é imprescindível assegurar o espaço da arte na educação na perspectiva da representação artística como o reflexo de uma realidade historicamente construída na relação homem-mundo, homem-humanidade.

Elenca-se o aspecto da educação compreendida no âmago da sociedade capitalista como um processo que possibilitará ao sujeito a sua humanização por meio do acesso aos conhecimentos elaborados no percurso da história, e ao humanizar-se, perceber-se agente no meio social onde vive. Na perspectiva da viabilização desse movimento é fundamental que a prática educativa seja voltada para a compreensão da natureza da educação como um fenômeno propriamente humano e cuja especificidade se dá na conversão do saber objetivo em saber escolar, socializando o saber acumulado histórica e cientificamente pela humanidade.

Na perspectiva de Saviani, [...] o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta de formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 2003, p. 13).

A escola como local de trabalho com o saber elaborado, possibilita que a arte possa ser ensinada e apreendida a partir da abordagem de conteúdos significativos, tratados como um produto do homem, e que permita a apropriação da sua realidade e confronto com a nossa própria realidade.

De acordo com a fala de Reis et al. (2004, p. 53) a sociedade deve ser compreendida, realmente, como uma construção histórica por parte do sujeito e para os sujeitos que a constroem. Lembra que o processo de significação, de produção, socialização e apropriação de sentidos, “enfim, de constituição de uma realidade especificamente humana, aconteceu e ainda acontece sempre marcado por aquilo que caracteriza as relações sociais.” (Idem, ibidem, loc. cit.).

A troca destes sentidos – singulares e compartilhados – perdura no tempo. Deste ponto de vista também parte Zanella (2004), complementando que “sujeito, contexto, história, relações e lugares sociais são continuamente transformados como resultado da atividade dos próprios homens.”



A percepção de Harendt (1994 apud SILVA, 2004, p. 7) propõe que a atividade que transforma o social partindo das ações do homem busca intervir no curso da história. Entende, por este mesmo motivo, que, portanto, é “impossível falar do grafite sem observar que ele surge num contexto urbano particular, com a explícita determinação de provocar uma mudança no curso evolutivo da cidade.” (SILVA, 2004, p. 7).

Então, o grafite, podemos dizer, é um desses escritos que resistem à homogeneização, que são não apenas enunciações, mas, sobretudo, engajamento. Aliás, se o próprio exercício afirmativo é algo raro em tempos pós-modernos, é ainda menos frequente, e há algo de muito depressivo nisso, a adesão e o engajamento em alguma ação. (Ibidem, loc. cit.).

Em meio à mobilização social e à produção de conhecimento empreendidas, Furtado (2012) destaca, ainda tratando desta reconfiguração dos laços de pertencimento e interação construídos pelo grafite, que

é a afetividade que mobiliza identidades e a formação de laços entre os sujeitos neste novo contexto das cidades. Esses afetos possibilitam constituir novas relações, mesmo que efêmeras e ao acaso, produzindo outra ordem social. Nesse sentido, o autor afirma uma ética da estética que, atuando como faculdade de sentir em comum configura a convergência de ações, vontades e emoções na constituição de um sentimento de pertença que, segundo o autor, se apresenta no cotidiano das sociedades contemporâneas. (FURTADO, 2012).

Maffesoli (2006 apud Ibidem) argumenta que esse sentimento tribal, de distinção social, característico da pós-modernidade sob o capitalismo, é mais uma forma de criar o pertencimento social, a identidade e o compartilhamento de maneiras de se ver e pensar o mundo. “Na singularização de seus laços, uma certa vontade de estar-junto, de partilhar afetos, de compor tribos.” (Ibidem).

Assim, Maffesoli (2006 apud Ibidem) registra que as tribos são caracterizadas como agrupamentos semiestruturados, formados por pessoas que se aproximam pela “identificação comum a rituais e elementos comuns da cultura que expressam valores e estilos de vida, moda, música, lazeres típicos de um espaço-tempo.” Sendo expressão desta urbanidade, estes grupos se constituem em meio a uma sociedade permeada por contradições e transformações constantes. Estratificada, ela protagoniza o fenômeno da “neotribalização”. De acordo com Furtado (Idem),



Esta "neotribalização" nas sociedades atuais destaca que o eixo central desses novos agrupamentos está sob a contradição básica e característica da sociedade moderna: auge da massificação social versus a proliferação de microgrupos. Por um lado, o processo de massificação, de homogeneização ou hegemonização das identidades, ou homo-hegemonização, como diria Derrida (2001); por outro, o fenômeno das tribos urbanas, que constituem uma resposta a esse movimento de "desindividualização" dos sujeitos. (Ibidem).

Os agrupamentos presentes no ambiente escolar também são visíveis. Na mesma medida em que os estudantes estão formando a própria personalidade, estão em busca de aceitação social e, para isso, costumam se inserir em algum grupo. Durante o projeto, o grafite foi usado como um elemento de integração entre os sujeitos em busca de um objetivo comum: a expressão nas paredes e localidades do entorno da escola. Além do mais, buscou-se também a desvinculação de uma percepção negativa em alguns casos, que é comum à pichação em relação aos locais onde é praticada. Para isso, o grafite foi a proposta porque

As pichações costumam buscar denegrir o local onde são feitas. Zombam da indiferença das estátuas, da ineficácia dos prédios públicos. O grafite busca criar profundidades nas superfícies planas da cidade. Busca transformar nossa maneira de enxergar. (SILVA, 2004, p. 5)

Também interessa notar que a atividade em grupo mostrou que cada integrante foi fundamental. Expuseram suas próprias singularidades e também negociaram com as diferentes maneiras de pensar dos outros integrantes – tudo em razão de um mesmo projeto comum. Cada um assumiu uma posição, ao mesmo tempo em que todos construíram a prática, “uma atividade social, histórica, livre, criativa, autocriativa, por meio da qual o ser humano cria e transforma o seu mundo e a si mesmo.” (FURTADO, 2012).

Levando em conta estas relações, o sujeito interpreta sua posição social, “dá sentido ao conjunto das experiências que vivencia, faz escolhas, age na realidade: a forma como ele se constrói e é construído socialmente, como se representa como sujeito, é fruto desses múltiplos processos.” (DAYRELL, 2002, p. 121 apud Ibidem).

A atividade, deste ponto de vista, foi realizada com o intuito de autoconstrução, de contestação, de engajamento em uma causa, que, necessariamente, incentivou o desenvolvimento do pensamento crítico para sua efetivação: e o local de concretização deste projeto, nesta pesquisa, foi a escola.



Os muros e outros espaços, já marcados na própria estrutura física pelo tempo, passaram a ser marcados também com histórias, vivências e particularidades de quem lá estava todos os dias. E se o tempo é mesmo regulado socialmente, capaz de inscrever as linhas da história de cada um, é com pincéis e *sprays* que os estudantes tomam conta do próprio destino e, no ato criativo, remarcaram o muro pelas cicatrizes do tempo escrevendo suas próprias histórias.

O ambiente de abstração e produção do conhecimento, a instituição de ensino, conforme a proposta da grafiteagem, foi e é tomada pela pichação e pelo grafite, que são manifestações “intra/entre/sobremuros que nomeiam brechas na realidade”. “Nos desenhos e arabescos que tomam de assalto o horizonte as brechas deixam visível um universo onírico, um lugar de suspensão onde a realidade e a ficção se misturam.” (TAVARES, 2010). Por este detalhe o projeto proporcionou aos estudantes um chance de encontro consigo mesmos.

Mais do que isto, as artes – e especificamente a proposta de realização do grafite com a participação dos estudantes, forneceu uma série de referenciais. Puderam aprender, em muitos casos com as atividades artísticas, muito mais do que o educador pretendia a princípio, quando, neste caso, os estudantes “extrapolaram o que poderiam aprender no campo específico das artes. E, como o ser humano é um ser cultural, essa é a razão primeira para a presença das artes na educação escolar.” (FERREIRA, 2001, p. 32).

A produção de cultura, evidente com a concretização do objetivo da atividade, faz com que as iniciativas que entrelaçam educação e arte, sejam entendidas como “mediadas por uma determinada racionalidade (entende-se aqui racionalidade como um modo de pensar/sentir/estar no mundo, socialmente produzido).” (ZANELLA et al., 2005, p. 192).

Da perspectiva exposta por Ferreira (Idem), é possível compreender a necessidade da arte como forma de desenvolvimento de uma série de variáveis: primeiro, do entendimento da área como expressão tipicamente humana; depois, na possibilidade de usar o conhecimento produzido para transformar a realidade social.

Partindo desta premissa, Zanella (2004) sustenta que, seguindo o referencial marxista, são três os aspectos fundamentais da atividade humana – neste sentido, de conquista de espaço: a) ser orientada por um objetivo, b) fazer uso dos instrumentos de mediação e c) produzir algo que podemos caracterizar como elemento da cultura - seja por sua existência física seja por sua existência simbólica – e que consiste na objetivação do ser humano. É



possível observar que a execução da atividade prática desenvolveu-se de acordo com todas estas etapas, aqui tratadas como essenciais.

Inicialmente, o objetivo era de inserir os estudantes na prática artística, além de dar a eles a oportunidade de emancipação, despertando e aguçando a capacidade crítica. Na sequência, o intuito perpassou por uma atividade que permeou primeiramente o conhecimento dos conceitos do grafite para depois partir para os espaços da escola e da rua. Com a orientação da pesquisadora, propondo várias maneiras de mediação – além da orientação, a distribuição de tarefas, a organização por horários, houve mobilização de todos os envolvidos, além do essencial: o desenvolvimento do potencial transformador da arte como possibilidade pedagógica.

3 PINCÉIS E *SPRAYS* À OBRA: A PRODUÇÃO DO GRAFITE NA EEB INDUSTRIAL DE LAGES

O projeto de grafiteagem na Escola de Educação Básica Industrial de Lages mostrou ao longo do seu desenvolvimento que a proposta pedagógica pode, também, ser feita pelos pincéis e *sprays* nas mãos dos estudantes, os sujeitos que mostraram seus anseios, suas necessidades e sua expressão, nas mais diversas formas.

Cabem, aqui, a reflexão e a contextualização acerca das possibilidades da arte do grafite, resgatando um breve histórico geográfico, social e histórico dos locais de ação: a cidade de Lages e a Escola de Educação Básica Industrial de Lages. Só então é possível demonstrar como se desenvolveu o processo de produção do grafite no ambiente interno e externo à escola, para colorir os muros que se impunham à frente.

4 A DISTÂNCIA ENTRE O GRAFITE E A CIDADE DE LAGES

A cidade de Lages, na serra de Santa Catarina, onde localiza-se a Escola de Educação Básica Industrial de Lages, não tem a cultura dos grafites. A visualização dessas manifestações, quando ocorre, é esporádica, praticamente isolada. Além do mais, quase não existe expressão de arte efêmera, mas, por outro lado, há grande preservação da cultura tradicional de raízes nativistas gauchescas, talvez pela proximidade com o Rio Grande do Sul.



Essas raízes, perpetuadas ao longo dos anos, acompanham a cidade desde a fundação, registrada em 1766. Antes disso, seu território já serviu de caminho para os tropeiros que iam do Rio Grande do Sul para São Paulo, para vender gado para paulistas e mineiros. Juntamente com o gado, os tropeiros traziam consigo a cultura das lidas campeiras e outros costumes gauchescos.

Uma das maiores cidades de Santa Catarina, com extensão territorial de 2629,8 km² e aproximadamente 156 mil habitantes (IBGE, 2010), Lages é a capital do pinhão. Tem atrativos como as fronteiras das fazendas de turismo rural, com eventos culturais, Bienal do Livro, Festival de Teatro e a Festa Nacional do Pinhão, eventos culturais de grande participação do público. A arquitetura contempla o estilo Art Déco, nos prédios monumentais, como a Catedral Diocesana e a Prefeitura Municipal, no centro da cidade, bem como em Colégios, Museus e outras construções.

Lages tem um contexto social característico de uma cidade provinciana, onde praticamente não existe a cultura da arte de rua, que envolve outros modos de expressão e contempla o grafite. Em alguns espaços, como muros e outros locais, existem garatujas e pichações feitas sem autorização, o que, de certa forma, contribui para a negação dos mesmos e do grafite como arte.

Por outro lado, o grafite dificilmente é visto no ambiente urbano da cidade. Também por este motivo, coube ao ambiente escolar, em uma instituição em especial, fomentar a discussão e a realização da arte pública do grafite de dentro das salas de aula para o cotidiano da cidade: a Escola de Educação Básica Industrial de Lages.

5 INDUSTRIAL DE LAGES: ENTRELAÇADO ÀS RAÍZES HISTÓRICAS

Fundada há 51 anos, a escola situa-se à Avenida Dom Pedro II, número 2555, no Bairro Vila Nova, em Lages, na serra catarinense. O espaço físico, que só agora passa pela primeira reforma geral desde a inauguração, contempla uma estrutura de grandes dimensões, composta por um ginásio, campo de futebol, área verde, horta escolar e oficina mecânica – tendo em vista o ensino profissionalizante, que originou o nome da escola. Instituição tradicional na cidade, a escola integra a rede pública estadual de ensino.

Realizar um projeto que envolveu não só o ofício, mas a arte como construção de conhecimento e de humanização dos sentidos, foi o incentivo propulsor que motivou este



mergulho na arte do grafite. Arte é conhecimento, expressão, questionamento, fruição. O grafite pode transparecer e possibilitar estas reflexões contemporâneas a partir de um contexto sócio-histórico.

O exercício da arte neste ambiente possibilitou significativamente o objetivo do conhecimento e das relações entre sujeito e sociedade, enquanto a experimentação de novos desafios na aprendizagem, promovendo a curiosidade e o conhecimento como fontes integradas de informação, legitimando o ensino da arte na escola. Por isso, conhecer e refletir através da arte, neste caso a partir do grafite, possibilita ampliar o senso crítico e transformar olhares curiosos, tanto da comunidade escolar, quanto de transeuntes que percorrem o espaço público e convivem a rotina frenética da cidade.

No desenvolvimento de reflexão por meio da arte, as expectativas de aprendizagem se configuraram num processo: desde a concepção do projeto à sua realização. Trazer uma proposta de experimentação artística através do grafite foi estimulante para os estudantes, pois ele tem uma certa magia e abre brechas à subjetividade, características da arte contemporânea. O grafite é uma linguagem que instiga, desafia, possibilita o diálogo com a comunidade, tanto escolar como a do seu entorno.

É uma forma de liberar anseios, críticas, protestos, mensagens e opiniões dos estudantes, que se sentem valorizados e estimulados a expressarem o que pensam, suas angústias, suas revoltas, sua existência e identidade. Não somente como forma de expressão simples e pura, mas como ampliação da bagagem cultural.

Serve, inclusive, como uma maneira de revisitar a história e a tradição, na construção de uma linguagem contemporânea, compartilhando mensagens com a sociedade, sem custo, distinção de gênero e classe, e sem institucionalização. Portanto, é arte que pode estar à disposição do público, livremente à mostra, contextualizando o espaço público, mediando o cotidiano de cada transeunte.

O grafite agrega conteúdo artístico e poético. Texto, imagem, poética e mensagem. Pintura rupestre ou mural, afresco ou painel, são elencados como origens das formas de expressão humana, feitas em suportes que têm em comum um espaço de mediação artística que envolve a sociedade e expressões em diferentes épocas, destinadas a receptores que transitaram nesses espaços alternativos. O grafite, de certa forma, é uma recriação das linguagens da arte feitas em paredes e muros, só que em um contexto contemporâneo.



Por isso, compartilhar saberes no contexto da escola se fez necessário: As atividades, realizadas durante um bimestre, iniciaram com a fundamentação teórica para com os estudantes: fez-se, para tanto, um resgate de informações pertinentes ao desenvolvimento da arte em paredes – aproximadamente um mês de aulas foi destinado à discussão e mediação de conceitos. Desde a pré-história da arte, com as pinturas rupestres, passando pela arte mural no período das primeiras civilizações, pelos afrescos renascentistas, principais nomes de muralistas que ficaram marcados na história, tanto universal, quanto na arte brasileira.

O caráter transgressor do grafite e a sua não-legitimidade foram abordados e contextualizados, na tentativa de criar um fio condutor para a melhor compreensão da linguagem expressiva que utiliza suportes diferenciados, como paredes, muros, túneis, pontos de ônibus, ou até recentemente em galerias – ressaltando-se, porém, que os grafites são, principalmente, feitos em espaços públicos gratuitos. Percebeu-se que o grafite é um tipo de linguagem bem aceito pelos estudantes. Tem algo que cativa, atrai a atenção e tem significado efetivo na expressão deles.

Dois anos após a experiência realizada na biblioteca, a necessidade de ganhar o espaço público tornou-se realidade. A interação entre estes ambientes foi um ingrediente importante para realização do grafite em dois pontos de ônibus situados em frente à escola. A realização do grafite, vale destacar, ocorreu em 2012. É deste estopim que surge a proposta desta pesquisa: com a intervenção no espaço urbano, partindo do aprendizado e da educação em sala de aula, com a participação efetiva dos estudantes e da comunidade escolar.

Assim, mesmo não conhecendo partes do processo da grafiteagem, os estudantes se sentiram estimulados e dividiram-se em grupos para a realização das tarefas. Alguns fizeram a limpeza dos pontos de ônibus; o servente da escola se habilitou a fazer a pintura de fundo do suporte; outros se encarregaram de arrecadar tintas para pintar partes do ponto de ônibus e outros colaboraram na pintura propriamente dita.

Foram diversos os ambientes escolhidos para a realização do projeto. Para a apresentação da temática, o espaço da sala de artes foi fundamental: usado para fazer os desenhos e projetos que poderiam servir de pano de fundo para as pinturas dos pontos de ônibus.

A escolha deles, neste sentido, foi um passo “fora da escola”, pois em outras oportunidades, grafites e pintura em mural foram feitos, só que dentro do espaço escolar. Um espaço que anteriormente tinha registros de palavrões, sujeira e cartazes foi percebido como



ideal para receber um trabalho artístico contemporâneo, com poética – que movimentasse a comunidade escolar, na perspectiva de construir conhecimento através do grafite. A partir desta ideia, houve apoio dos estudantes, que encararam o projeto como algo realmente pertencente a eles.

É interessante destacar que, com o apoio da direção da escola, da concepção à finalização do projeto, foi necessário conseguir uma série de parceiros para que tudo fosse levado adiante. O pedido de autorização, por exemplo, coube à direção, que contactou o órgão responsável. Mesmo assim, não foi fácil. Na primeira vez em que a Diretora da escola tentou conversar pelo telefone com a Secretária do Meio Ambiente do município, a resposta negativa foi seguida de um questionamento feito pela Secretária: “Vocês querem picar o ponto?”.

Conseguimos restos de tintas para pintar o fundo e os detalhes do ponto de ônibus com alguns estudantes participantes do projeto. O projeto esteve assinalado, integrando o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola: além disso, foi considerado positivo para o desenvolvimento de uma educação efetiva através das práticas de sala de aula. Esta meta procurava a quebra da rotina em aula, que ganharia corpo, seria fundamentada e teria objetivos claros.

Um deles, obviamente, se referia ao processo de aprendizagem que, do meu ponto de vista como mediadora, proporcionou dinamismo na prática escolar. O conteúdo agregado ao grafite perpassou historicamente pelas formas de expressão do homem desde o tempo das cavernas, da pintura parietal. Então, foi relevante relacionar, contextualizar a produção da grafite, uma expressão contemporânea, fazendo uma conexão com produções primitivas, com a magia ritual da arte.

O grafite é uma forma de arte que permite desdobramentos. Expõe autoafirmação, expressa um grito de liberdade. Com isso, os estudantes aprenderam sobre várias formas de expressão através das paredes, muros e espaços públicos antes de partirem para a prática. Compreenderam que um trabalho artístico realizado dentro da escola tem diferenças em relação a algo que se produz no espaço público.

A colaboração mútua, o planejamento da atividade, a organização e a distribuição das tarefas, foram fundamentais para a aprendizagem. Os estudantes que participaram do projeto estavam conscientes de que a atividade teria que ser feita com responsabilidade e o que estaria ali pintado poderia gerar resultados.



Falando em resultados, o processo de avaliação se deu desde a concepção até a finalização da atividade. Os estudantes propuseram projetos em papel A4, com o que pretendiam grafitar. Pesquisaram sobre grafiteiros famosos; visualizaram vídeos sobre grafite; pesquisas sobre letras e, ainda, alguns videoclipes de *rap*, que apresentavam alguns grafites e o contexto dos grandes centros urbanos, principalmente em São Paulo.

A partir daí, os jovens, com orientação e mediação da professora, definiram as funções a serem desempenhadas por cada membro da classe. Desta forma, cada um dos participantes do projeto desempenhou uma função e foi responsável por dar sequência às atividades.

O registro das atividades ocorreu por meio de fotos, posteriormente postadas em redes sociais. Isto repercutiu na mídia local: quando fomos entrevistados para dar o testemunho sobre a proposta. A TV local, jornais escritos e a Câmara de Vereadores se interessaram em saber do registro de grafite no espaço público. Uma vereadora, aliás, propôs uma moção para tornar efetivo o trabalho em mais pontos de ônibus da cidade, com a perspectiva de fazer parceria com escolas municipais.

Com vontade de aprender e tendo a oportunidade de trabalhar em grupo, os estudantes também conviveram com a expectativa de conseguir as devidas autorizações mediante a Secretaria de Meio Ambiente, além do material para a grafiteagem.

Aprender a lidar com estas dificuldades não impediu a realização o projeto. Pelo contrário, ajudou no crescimento de todos os envolvidos. Tudo isto possibilitou a observação sobre importância do planejamento da atividade e dos resultados, que a fortaleceram e a legitimaram.

Durante o tempo em que os sujeitos desenvolveram a grafiteagem, foram construídos novos laços, novas relações entre os colegas, quando o ambiente foi descontraído e os estudantes se permitiam brincar e, ao longo do grafite, faziam das próprias roupas uma superfície propícia à arte. Com aprendizado de forma descontraída, porém significativa, a atmosfera criada era de colaboração e compreensão por parte de todos.

Aliás, até mesmo as pessoas que passavam pela rua, em frente ao ponto de ônibus pichado, costumavam gritar ou buzinar, demonstrando curiosidade e interesse em saber o que estava acontecendo. Alguns deles, inclusive, aparentavam achar que a atividade era uma espécie de “castigo” informal, como uma atividade comunitária a ser prestada. É, deste ponto de vista, uma forma de integração.



A orientação que os estudantes receberam ao longo do bimestre ocorreu com o constante acompanhamento das atividades – algumas vezes em horários de aula, outras em tempo livre, geralmente no contraturno, à tarde.

Mas a apreensão não esteve apenas com eles. Sabendo que toda experiência prática realizada traz muitos percalços em sua trajetória, muitas dificuldades integraram a educação renovada com práticas alternativas. Certamente, não foi um trabalho de fácil execução. O envolvimento da comunidade escolar, direção e especialistas da educação foi fundamental para a realização da atividade, pois aprendemos juntos no decorrer do processo.

O grafite permaneceu no espaço por dois anos. Um dos pontos foi restaurado e outro foi pintado, pois já estava com a cor esmaecida. Um deles, desenvolvido com uma turma de Terceiro Ano do Ensino Médio, em 2014, trouxe um caso curioso e inesperado: após um mês da revitalização, e depois de tanto tempo, mesmo o grafite sendo algo efêmero, uma empresa privada de nome “O Progresso”, sem aviso prévio, apareceu em uma manhã de dia letivo na escola para trocar os pontos de ônibus por outros. Seriam pontos modernos, com luminosos, que receberiam propagandas comerciais, patrocinadas por anunciantes de produtos de consumo mercadológico.

Indignação e decepção marcaram aquele dia cinzento, que nos deixou impactados. Sem podermos pedir pela não retirada dos pontos vimos eles serem arrancados de seu local para serem substituídos. Ainda fomos xingados por tentar registrar com fotos aquele momento, apesar de estarmos cientes de que não poderíamos conter aquela decisão.

O sentimento condiz com o que expõe Vázquez (2010, p. 180), ao argumentar que “[...] a arte que faz expressa então sua inconformidade, inclusive, sua rebeldia contra este mundo burguês.” Neste caso, a arte contrapõe-se ao ideal de capitalismo e mercantilização dos pontos para revelar o inconformismo com o mundo desumanizado nos desdobramentos da sua liberdade de expressão e criação. Com a imposição mercadológica da empresa que retirou o ponto sem aviso, perdeu-se, em parte, o patrimônio artístico e cultural que começava a ser incentivado e cultivado pelos jovens.

Vázquez (2010) diz que, em confronto com os ideais artísticos, prevalece o consumo do produto artístico mercantilizado por outrem. Os aspectos cultural e artístico não prevalecem, em detrimento da mercantilização, como é possível visualizar. Assim, nem o consumidor, nem a arte, tão pouco a sociedade têm a ganhar. Só se sobressaem o pretexto e a lógica do lucro.



Sabíamos da efemeridade do projeto, mas como os pontos já estavam ali há dois anos, ainda era possível fazer muitas revitalizações e mantê-los sempre conservados, com novas imagens produzidas por outros participantes e estudantes da escola. Deste anseio, foi possível “salvar” um dos pontos e pedir à empresa que o deixasse do lado de dentro da escola para que ele pudesse ser colocado dentro do ambiente escolar.

Invertendo a história, é pertinente lembrar de onde a ideia do grafite surgiu, e como ela transformou o ambiente escolar, passando por este período de contestação e embate com uma empresa. Observando os pontos de ônibus do entorno da escola, sempre tomados por riscos e sujeira, esta pesquisadora se inquietou com a situação e decidiu levar à frente o projeto, com a participação da comunidade escolar.

Intervenções foram feitas tanto na biblioteca da escola quanto em outros ambientes, até chegar aos pontos de ônibus, na Avenida onde está o colégio. Sabia-se, por exemplo, que uma das possíveis consequências do grafite era a repressão. A consequência, contudo, não diminui o valor da mensagem deixada – tanto antes, quando ela era visível, quanto depois, quando notava-se que aquele espaço deu expressão a uma manifestação artística. A princípio, não se esperava que a concretização do projeto pudesse se tornar realidade.

O grafite, sendo a arte do efêmero, indica a necessidade de uma constância na atitude artística: pede que se persista, transgrida e arrisque mais de uma vez, apesar da duração e da temporalidade de seus traços. Submetido à lógica feroz da incompreensão do ambiente urbano e do tempo, o grafite pode passar pelos muros, mas ficará gravado em forma de experiência e na bagagem cultural de quem foi protagonista, presenciou, participou e viveu a experiência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o contexto histórico e cultural de uma cidade que mantém uma cultura e tradição onde não há recorrência do grafite, a dificuldade de aceitação dos tipos de arte contemporânea, principalmente o grafite se faz presente, no que tange ao poder público e à comunidade.

O processo de educação pela arte, mesmo sendo o grafite um tipo de arte transgressora, pode se efetivar a partir da reorganização e redefinição do espaço, configurando mudanças, dialogando e estimulando reflexões sobre os locais de interação em sociedade. O



objetivo das pinturas realizadas nos pontos de ônibus em frente à escola tem relação com a disseminação da arte, dialogando com a expressão em espaços públicos.

A mensagem do grafite revelou elementos que traduziram uma mensagem peculiar e reflexiva, além de imprimir a criação de projetos dos estudantes da escola em questão, a valorização de suas aspirações e ideias projetadas na forma do grafite. A proposição realizada traduz-se na provocação do olhar, onde percebeu-se que mesmo sendo um trabalho que foge de características convencionais, tem em seu âmago algo mágico que, pode-se entender como algo sedutor, onde os estudantes recriaram a percepção comum da escola, tornando a arte desenvolvida um suporte suscetível tanto a críticas quanto à reflexão – características intrínsecas ao grafite e à arte de rua.

A organização e mediação do projeto, orientados pelo professor, têm base em uma perspectiva sócio-histórica: efetivadas na prática artística, trazem à tona manifestações bem particulares dos estudantes, onde a apreensão de significados aliada à mediação dos sentidos de comunicação foi relevante para eles, a partir do momento em que se expressaram a partir do grafite, produzindo conhecimento.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2012.

FERREIRA, Sueli (Org). **O Ensino das Artes: Construindo Caminhos**. Campinas: Papirus, 2001, 224p.

FURTADO, Janaina Rocha. **Tribos urbanas: os processos coletivos de criação no graffiti**. *Psicol. Soc.*, Abr 2012, vol.24, no.1, p.217-226. ISSN 0102-7182.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

IBGE. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=42&dados=0>>. Acesso em: 30 mai. 2016.



REIS, Alice Casanova dos et al. Mediação pedagógica: reflexões sobre o olhar estético em contexto de escolarização formal. **Psicol. Reflex. Crit.**, 2004, vol.17, no.1, p.51-60. ISSN 0102-7972.

SAVIANI, D.. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações.** / 8. ed. Revisada e ampliada – Campinas, SP : Autores Associados, 2003.

SILVA, Rodrigo Lages e. Escutando a adolescência nas grandes cidades através do grafite. **Psicol. cienc. prof.**, Dez 2004, vol.24, no.4, p.2-11. ISSN 1414-9893

TAVARES, Andréa. Ficções urbanas: estratégias para a ocupação das cidades. **ARS** (São Paulo), 2010, vol.8, no.16, p.21-30. ISSN 1678-5320.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **As ideias estéticas de Marx.** Tradução: Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ZANELLA, Andréa Vieira et al. Movimento de objetivação e subjetivação mediado pela criação artística. **Psico-USF** (Impr.), Dez 2005, vol.10, no.2, p.191-199. ISSN 1413-8271.

ZANELLA, Andréa Vieira. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da Psicologia Histórico-Cultural. **Psicol. estud.**, Abr 2004, vol.9, no.1, p.127-135. ISSN 1413-7372.

*Recebido em 3 de julho de 2016
Aprovado em 18 julho de 2016*